

ACORDE A FLORESTA: A RELAÇÃO ENTRE A BIODIVERSIDADE E A DIVERSIDADE DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Mariana Maciel de Albuquerque¹
Tiago Salgueiro Tavares da Silva²
André Harle de Castro Arribas³
Ednardo Menezes Carvalho⁴
Tâmara Gomes Pacheco Sobreira⁵

1. Pesquisadora/Mestre no Ensino das Ciências Ambientais. Coletivo Acorde a Floresta. albuquerque.mariana@gmail.com
2. Pesquisador/Comunicador Social. Coletivo Acorde a Floresta. ticosalgueiro@gmail.com
3. Pesquisador/Licenciado em História. Coletivo Acorde a Floresta. andrarribas@gmail.com
4. Pesquisador/Técnico em Violão Popular e Graduando no Bacharelado em Agroecologia, Educação Popular e Campesinato. Coletivo Acorde a Floresta / UFRPE. ednardodali@gmail.com
5. Pesquisadora/Mestranda em Saúde Pública pela Fiocruz PE. Coletivo Acorde a Floresta / Fiocruz. seiva.terraquemnutre@gmail.com

RESUMO

A música nasce na semente. A floresta é berço de instrumentos musicais, é casa do som. Ameaças de extinção de espécies circundam as plantas criadoras de instrumentos musicais. No intuito de acordar o pensamento ecomusical adormecido pela modernidade colonial - a monocultura da mente, buscando o resgate ancestral do plantar cultura, pretendemos aproximar os elos da correnteza da música em momentos de celebração e registro, para então difundir uma mensagem de sensibilização. Conhecer a vida que sustenta a arte, plantar instrumentos e cultivar sons, reflorestar mentes: tocar floresta. Neste trabalho, o Coletivo Acorde a Floresta – um grupo formado por iniciativas agrofloretais com artistas de Pernambuco, pretende difundir a mensagem sobre espécies vegetais que permeiam as expressões artísticas, enquanto busca informações para enriquecer o conteúdo pouco conhecido pela sociedade brasileira. Para isto, foi compartilhado um Formulário *Google* por meio de Whatsapp e Instagram, pelas pessoas que fazem parte do Coletivo. Foram obtidas 44 respostas, de pessoas que se descreveram como Músico/a, Luthier / Artesão de instrumentos, Educador/a da área de música ou Agricultor/a / Jardineiro/a, sendo 50% homens, 47,7% mulheres e 2,3% não binário. Destes/as, 43% se autodeclararam como pessoas brancas, 31,8% como pardas, e os demais como indígenas (11,4%), pretas (6,8%), afroindígenas (4,5%) ou não sabiam a sua origem (2,3%). Ainda, 56,8% declararam tocar algum instrumento musical, sendo a sua maioria percussão, cordas e voz, e dentre estes/as, 37,8% sabiam a origem de seu instrumento, enquanto 27,9% não sabiam. Por sua vez, 93% declararam que têm vivência com instrumentos de origem vegetal. Quase metade (45,5%) não sabem ou nunca pensaram sobre quais espécies compõem estes instrumentos, enquanto 23 pessoas citaram as espécies vegetais utilizadas, por seus nomes populares, dentre elas: cabaça, cedro, spruce, ziricote, mogno (mahogany), rosewood (jacarandá), açaí, coité, virola, imbiriba, andiroba, embaúba, jatobá, macaíba, jenipapo, coco, pau-brasil, tagibubua, bambu, abeto, ébano, freijó, crotalária, paineira, xixá, periquiti, maple, hickory, seringa, bapeva, taboca, taquara, mulungu, pau ferro, cerejeira. Destas pessoas, 71,4% não conhecem o ciclo destas espécies (plantio, colheita, etc.) ou não haviam pensado nisso até então, enquanto 59,6% não sabe ou nunca pensou sobre a região de origem das espécies e 80,5% não sabiam ou nunca pensaram se a espécie estava em

extinção. Porém, 69,8% consideram haver uma forte relação entre a biodiversidade vegetal e a biodiversidade artística. A rede segue em costura.

Palavras-chave: Biodiversidade; Instrumentos musicais; Floresta; Arte; Diversidade.

ABSTRACT

Music is born in the seed. The forest is the cradle of musical instruments; it is the home of sound. Threats of species extinction surround the plants that create musical instruments. In an effort to awaken the eco-musical thought dormant in modern colonialism - the monoculture of the mind - seeking the ancestral recovery of planting culture, we intend to bring the links of the musical current together in moments of celebration and recording, and then disseminate a message of awareness. To know the life that sustains art, to plant instruments and cultivate sounds, to reforest minds: to play the forest. In this work, the Acorde a Floresta Collective - a group formed by agroforestry initiatives with artists from Pernambuco, intends to spread the message about plant species that permeate artistic expressions while seeking information to enrich the content little known by Brazilian society. To this end, a Google Form was shared through WhatsApp and Instagram by the people who are part of the Collective. 44 responses were obtained from people who described themselves as Musicians, Luthiers/Instrument Craftsmen, Music Educators, or Farmers/Gardeners, with 50% being men, 47.7% women, and 2.3% non-binary. Of these, 43% identified themselves as white, 31.8% as mixed-race, and the rest as indigenous (11.4%), Black (6.8%), Afro-indigenous (4.5%), or did not know their origin (2.3%). Furthermore, 56.8% stated that they play a musical instrument, with the majority playing percussion, strings, and vocals. Among them, 37.8% knew the origin of their instrument, while 27.9% did not. In turn, 93% stated that they have experience with instruments of plant origin. Nearly half (45.5%) do not know or have never thought about the species that make up these instruments, while 23 people mentioned the plant species used by their common names, including gourd, cedar, spruce, ziricote, mahogany, rosewood, açai, coité, virola, imbiriba, andiroba, embaúba, jatobá, macaíba, jenipapo, coconut, Brazilwood, tagibubua, bamboo, fir, ebony, ash, crotalaria, silk floss tree, xixá, periquiti, maple, hickory, rubber tree, bapeva, taboca, taquara, mulungu, ironwood, cherry tree. Of these people, 71.4% do not know the life cycle of these species (planting, harvesting, etc.) or had not thought about it until then, while 59.6% do not know or had never thought about the region of origin of the species, and 80.5% do not know or had never thought about whether the species was endangered. However, 69.8% consider there to be a strong relationship between plant biodiversity and artistic biodiversity. The network continues to be woven.

Key Words: Biodiversity; Musical instruments; Forest; Arts; Diversity.

Introdução

A música nasce na semente. A floresta é berço de instrumentos musicais, é casa do som. Ameaças de extinção de espécies circundam as plantas criadoras de instrumentos musicais. No intuito de acordar o pensamento ecomusical adormecido pela modernidade colonial - a monocultura da mente, buscando o resgate ancestral do plantar cultura, é necessário aproximar os elos da correnteza da música em momentos de celebração e registro, para então difundir mensagens de sensibilização. Conhecer a vida que sustenta a arte, plantar instrumentos e cultivar sons, reflorestar mentes: tocar floresta.

Reflorestar a música é preciso. Emergencialmente. Diante de um sistema sociocultural moderno-colonial-capitalista-patriarcal que produz secularmente monoculturas da mente, colonialidades do ser e do saber, afastando os indivíduos da sua existência enquanto natureza (MIGNOLO, 2017), muitas espécies utilizadas para confecção de instrumentos musicais encontram-se seriamente ameaçadas de extinção.

Pesquisas mostram que, de cerca de 200 espécies de árvores são usadas na produção de instrumentos musicais no planeta, 70 estão ameaçadas. (Disponível em: <https://www.canalciencia.ibict.br/ciencia-em-sintese1/ciencias-exatas-e-da-terra/194-madeiras-da-floresta-amazonica-utilizadas-na-fabricacao-de-instrumentos-musicais>, acesso em 15/10/2021).

Este é mais um ponto no qual a humanidade encontra-se ameaçada. Estamos em crise. Por tantos lados estamos em crise. Social, ambiental, sanitária e econômica. Para citar esta crise sistêmica, trazemos a liderança indígena Ailton Krenak:

"Abacateiro / Acataremos teu ato / Nós também somos do mato / Como o pato e o leão [canção Refazenda, de Gilberto Gil] Esse poema tão lindo lembra que a gente pode ser vida junto com os outros seres. Vida indistinta. Apenas vida. Mas quando nós ficamos na forma humana – esse antropomorfo, quando nos percebemos nessa forma, começamos a nos descolar da Mãe Terra. O ser humano discrimina os irmãos, as outras espécies. (...) Ele foi piorando, piorando, piorando, até causar a febre da terra. Mas primeiro ele teve de piorar a si mesmo, ao ponto de ele não se reconhecer no outro, em outros seres. E não têm outros. Só tem o humano. Então, essa excessiva afirmação do ser humano nos colocou um dilema, que é: como recuperar o contato, o afeto – com montanhas, com rios, com floresta?" Ailton Krenak. (Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>, acesso em 17/10/2021)

Buscando respostas para esta pergunta, encontramos a Ecologia Profunda, em autores como Frijof Capra (2016), dentre outros. Este conceito vem propor a conscientização ao nível da sensibilidade humana em contato com a Natureza. Encontramos também, em fontes brasileiras generosas, a Educação Popular, que tem em sua filosofia, em seus currículos, em sua finalidade, preparar as pessoas para um projeto de sociedade a partir do resgate de práticas e saberes populares contra-hegemônicos e emancipadores (FREIRE, 1996).

Por vários lados, está se formando um paradigma novo e inovador da ciência e do conhecimento humano. A visão de uma ciência mais humilde, que não menospreza mais o conhecimento popular, religioso, mítico, poético, artístico, sensível, prático, filosófico, mas interage, pesquisa, valora e se autocritica. (MOURA, 2003).

A partir das divisões dicotômicas da modernidade como a noção de que cultura e natureza são fenômenos distintos, inaugura-se a objetificação da natureza enquanto recurso a ser dominado e explorado. Cultura e natureza são um só segundo a cosmopercepção de alguns povos (ALIMONDA, 2011).

A exemplo disso, temos as formas de resistência encontradas pelos povos tradicionais no Brasil, com destaque aos povos quilombolas e indígenas e seus descendentes, que ainda mantêm vivas diversas práticas e saberes. Rodrigo Correia Lima (2020) conta que no ensinamento das culturas tradicionais, a forma como ocorre os aprendizados é dialógica e prática e uma das principais mensagens transmitidas é o respeito à natureza, fonte do sagrado - da onde tudo vem e para onde tudo retorna, com importância fundamental das plantas, árvores, matas, águas, pedras e conservação das áreas naturais para o bem estar coletivo.

Foi a partir desta cultura e agricultura tradicional que teve origem, no Brasil, à Agroecologia, conta Alexander Wezel *et al.* (2009). A partir dos anos 1970, diversas formas de agricultura alternativa, trazem solução aos efeitos da agricultura moderna, seguida da divulgação e valorização da agricultura familiar, Soberania Alimentar e autonomia. Defende-se a recuperação das florestas como cobertura de grande parte do Brasil - originalmente coberto por elas, e conseqüentemente proteção de nascentes, rios, águas superficiais e subterrâneas, das quais todas(os) nós dependemos. As agroflorestas são uma tecnologia de reflorestamento que imita a natureza e com foco em respeitar a biodiversidade, aumentar a vida e criar solo, e são estimuladas no Código Florestal (Lei No 12.651 / 2012).

O uso pedagógico das agroflorestas se mostra promissor para a sensibilização, engajamento e prática de criação de uma nova sociedade, e tantas outras agroflorestas urbanas e rurais (ALBUQUERQUE, 2018).

"Quanto mais biodiversidade, mais densa é a sinfonia em uma floresta. Há estudos que medem a biodiversidade de florestas e as comparam a agroflorestas, que são florestas que contam com a presença humana. Sabe-se que uma agrofloresta tem mais biodiversidade do que uma floresta espontânea, quebrando a crença de que uma área de mata que exclui a presença humana seja mais interessante como estratégia de restauro ambiental." Jorge Menna Barreto. (Disponível em: <http://cargocollective.com/jorgemennabarreto/Restauro-32-Bienal-SP>, acesso em 30/10/2023).

Segundo Fritjof Capra (1996), quando há a tomada de consciência ecológica sobre a rede interdependente da vida, emerge um novo sistema de ética, onde a natureza e o eu são um só, como reconhecido por Arne Naess (cunhador do conceito), "de modo que a proteção da Natureza livre seja sentida e concebida como proteção de nós mesmos".

O Coletivo Acorde a Floresta, com 13 participantes diretos, propõe-se, então, a aproximar este universo artístico e ecológico, por meio de vivências ecomusicais de sensibilização e celebração da biodiversidade. Uma prática comum é a realização de mutirões agroflorestais de plantios de instrumentos musicais, com música ao toque de instrumentos, com canto e a dança em partilha - como vivem os seres da mata.

Nesta pesquisa, o Coletivo buscou provocar pessoas envolvidas com os temas da correnteza ecomusical: plantadores e colhedores, fabricantes de instrumentos e músicos(as). Da semente ao som. O intuito partiu de acordar uma rede de atores envolvidos com o reflorestamento musical e o cuidado com plantas ameaçadas de extinção.

Objetivo(s)

Acordar uma rede de artistas buscando conhecer o seu saber e percepção sobre as espécies vegetais utilizadas para confecção de instrumentos musicais, através de um formulário, criado como uma trilha de caminho sensível por entre a biodiversidade da natureza e da expressão artística.

Metodologia

O Coletivo Acorde a Floresta foi criado durante a pandemia da Covid-19, por artistas e agrofloresteiros/as no ano de 2020, a partir de encontros online semanais. Em ritmo de respiração (para dentro e para fora), recebiam-se artistas convidados/as quinzenalmente, alternando-se com os encontros internos. Assim, costurou-se uma primeira rede com artistas

guias do Coletivo, alguns considerados/as mestres e mestras da cultura popular, nas quais trocavam-se conhecimentos sobre o tema em reuniões sensíveis e lúdicas.

A partir da primeira costura, foi criado um Formulário *Google*, a partir da mesma metodologia de encontros online, com intuito de levar a reflexão a mais pessoas e aprofundar os conhecimentos sobre o tema.

Com o Formulário pronto e revisado pelos padrinhos e madrinhas, divulgamos em nossas redes sociais (Whatsapp e Instagram), com foco em artistas que fazem parte da corrente ecomusical: da semente ao som. As informações foram, então analisadas pelo Coletivo. Com o fim da pandemia, outros trabalhos surgiram, e estes dados ficaram guardados até o momento presente. Chegou o tempo de compartilhar estes resultados interdisciplinares.

Resultados e Discussão

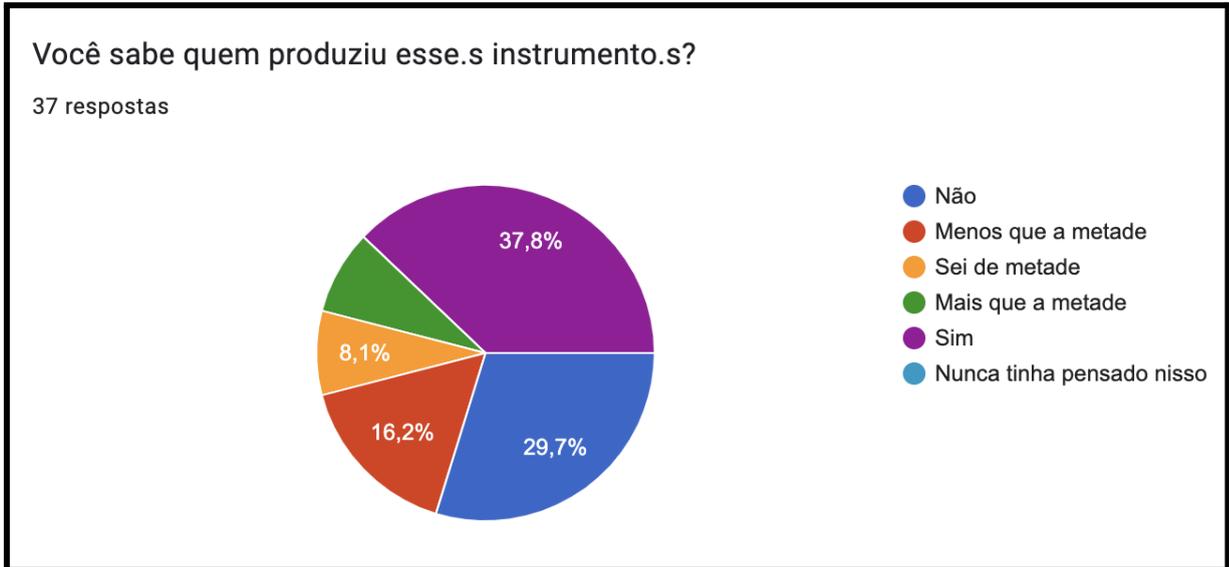
A partir da divulgação do formulário, foram obtidas 44 respostas, número considerado suficiente para o objetivo levantado de coletar informações e ativar uma rede para reflorestamento ecomusical.

A pessoas participantes se descreveram como Músico/a (53,5%, 23 pessoas), Luthier / Artesão de instrumentos (4,7%, 2 pessoas), Educador/a da área de música (16,3%, 7 pessoas), Agricultor/a / Jardineiro (65,1%, 28 pessoas), ou todas as opções (7%, 3 pessoas). Destas pessoas, 50% são homens, 47,7% mulheres e 2,3% não binário. Sobre a autodeclaração étnico-racial, 43% se autodeclararam como pessoas brancas, 31,8% como pardas, e os demais como indígenas (11,4%), pretas (6,8%), afroindígenas (4,5%) ou não sabiam a sua origem (2,3%). As pessoas participantes estavam em Pernambuco, Bahia, São Paulo, Espírito Santo e Rio Grande do Norte.

Dentre os/as participantes, 56,8% declararam tocar algum instrumento musical ou "brincar" (29,5%), sendo a sua maioria percussão (26 pessoas), cordas (21 pessoas) e voz (21 pessoas). Também foi citado o corpo como instrumento (8 pessoas), madeiras ou sopro (4 pessoas), teclas (4 pessoas) e input mix (1 pessoa). Os instrumentos citados foram: pandeiro, Êlu, Agbê, apitos, maracá, passarinho, pau-de-chuva, chocalhos (sementes), teclas do computador, Zabumba, Agogô, Triângulo, Ukulele, Alfaia, berimbau, Violão, guitarra, Cavaquinho, baixo, teclado, congas, caxixi, cajon, timbales, cowbells, surdo, tantan, reco reco, Viola Nordestina, percussão e bateria, Derbake, rabeca, Piano, escaleta, Sanfona, shakers, tambores, Baixo Elétrico, canto, dança, Flautas doce e transversal, pífano, contrabaixo, Atribaques, bongô.

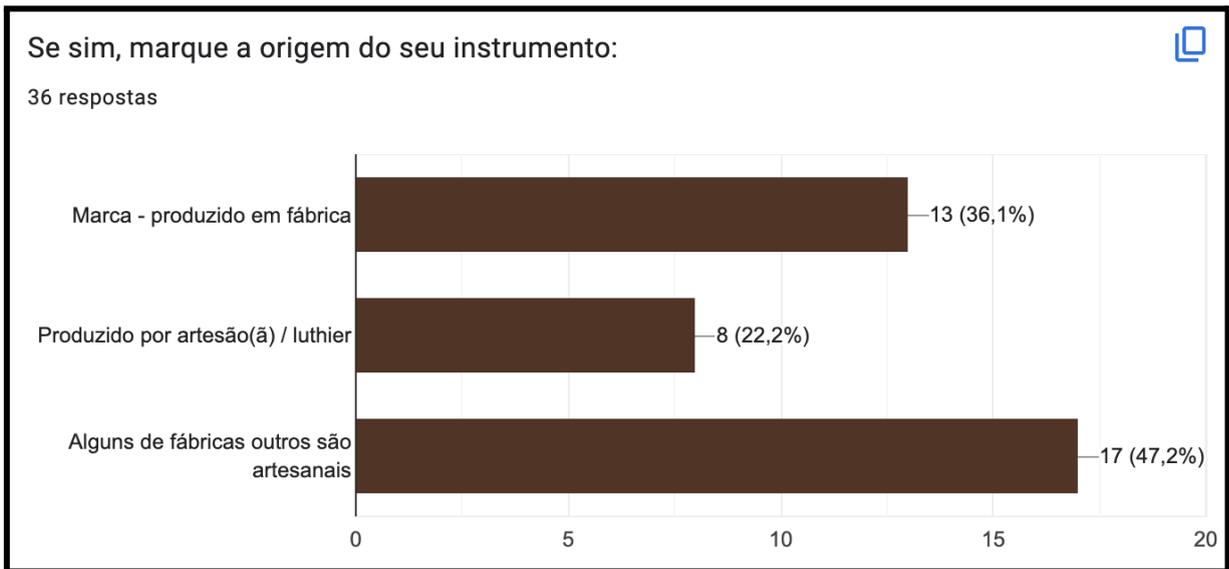
Dentre as pessoas que tocam instrumentos ou brincam com eles, 37,8% sabiam sobre quem produziu tais instrumentos, enquanto 27,9% não sabiam, e outros sabiam sobre alguns deles. Ainda, os participantes trouxeram as informações sobre a origem dos instrumentos, conforme gráficos abaixo.

Gráfico 1. Respostas no Formulário *Acordando a Rede* à pergunta: Você sabe quem produziu esses instrumentos?.



Fonte: Elaborado pelo Formulário *Google*.

Gráfico 2. Respostas no Formulário *Acordando a Rede* à pergunta: Se sim, marque a origem do seu instrumento?.



Fonte: Elaborado pelo Formulário *Google*.

Percebe-se que muitas pessoas ainda não têm uma relação próxima com seus instrumentos, quando muitos/as não sabem a origem do mesmo. Por sua vez, dentre as pessoas que conhecem essa origem, pode-se avaliar que parte significativa dos instrumentos são produzidos por artesãos / luthier.

Por sua vez, enquanto 93% das pessoas declararam ter vivência com instrumentos de origem vegetal, quase metade (45,5%) não sabiam ou nunca pensaram sobre quais espécies compõem estes instrumentos e mais da metade não sabiam a região de origem destas espécies. Os gráficos abaixo demonstram estes resultados:

Gráfico 3. Respostas no Formulário *Acordando a Rede* à pergunta: Você sabe de quais espécies são feitas esses instrumentos?.

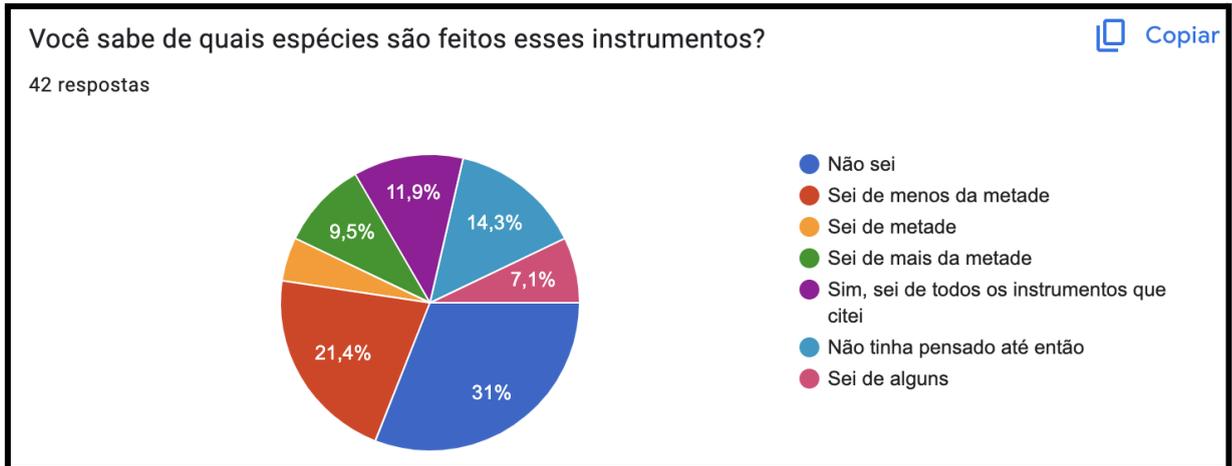
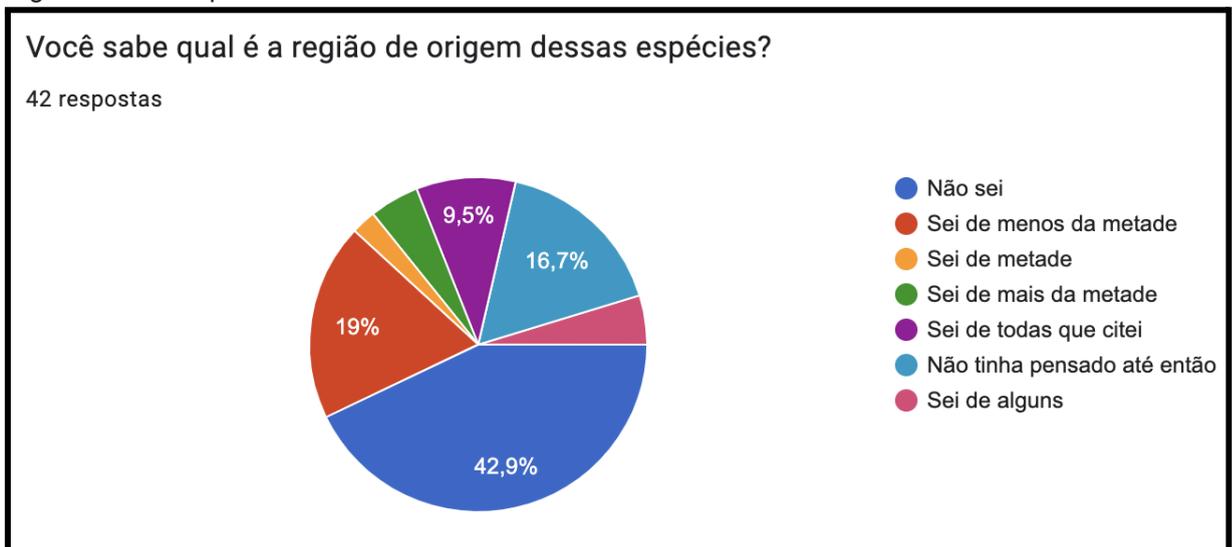


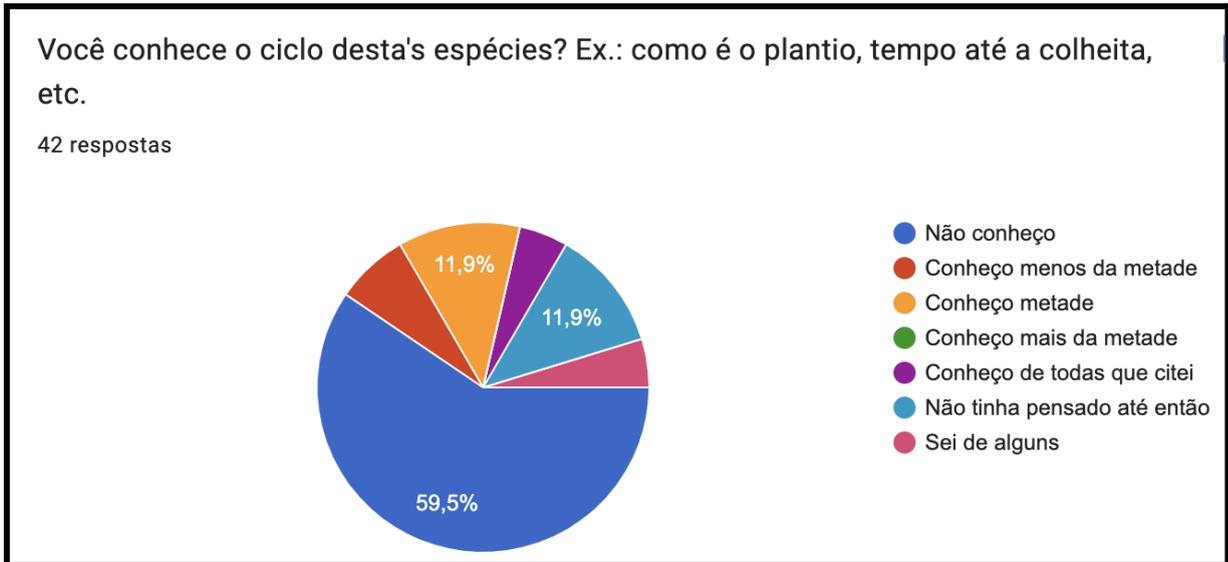
Gráfico 4. Respostas no Formulário *Acordando a Rede* à pergunta: Você sabe qual é a região de origem dessas espécies?.



As espécies vegetais utilizadas foram citadas por 23 pessoas, a partir de seus nomes populares, dentre elas: cabaça, cedro, spruce, ziricote, mogno (mahogany), rosewood (jacarandá), açaí, coité, virola, imbiriba, andiroba, embaúba, jatobá, macaíba, jenipapo, coco, pau-brasil, tagibubua, bambu, abeto, ébano, freijó, crotalaria, paineira, xixá, periquiti, maple, hickory, seringa, bapeva, taboca, taquara, mulungu, pau ferro, cerejeira.

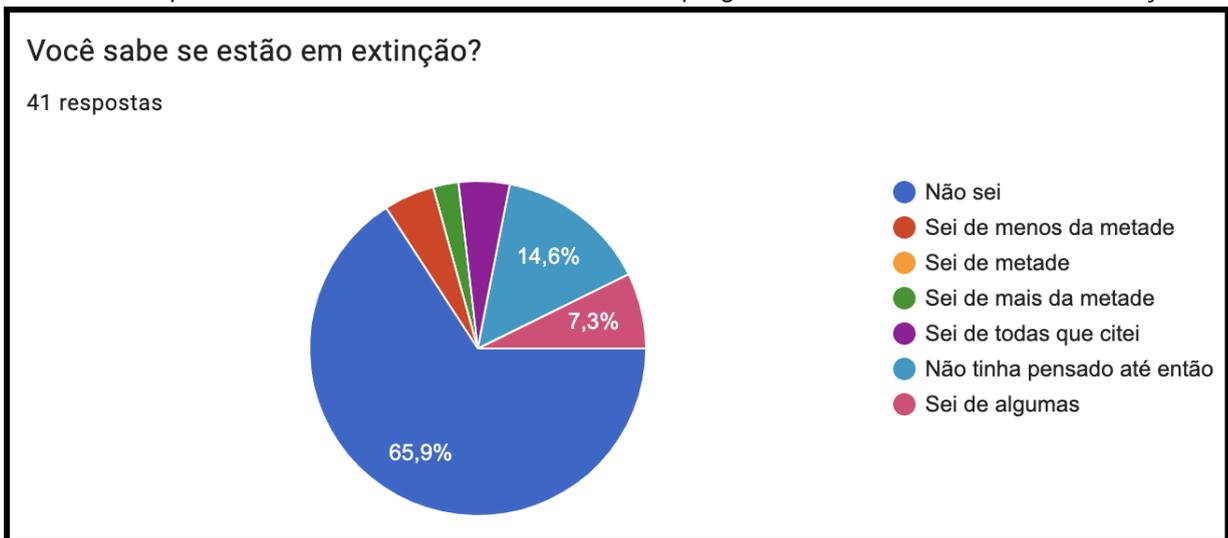
Das pessoas participantes, 71,4% não conhecem o ciclo destas espécies (plantio, colheita, etc.) ou não haviam pensado nisso até então, enquanto 80,5% não sabiam ou nunca pensaram se a espécie estava em extinção.

Gráfico 5. Respostas no Formulário *Acordando a Rede* à pergunta: Você conhece o ciclo dessas espécies? Ex.: como é o plantio, tempo até a colheita, etc.



Fonte: Elaborado pelo Formulário *Google*.

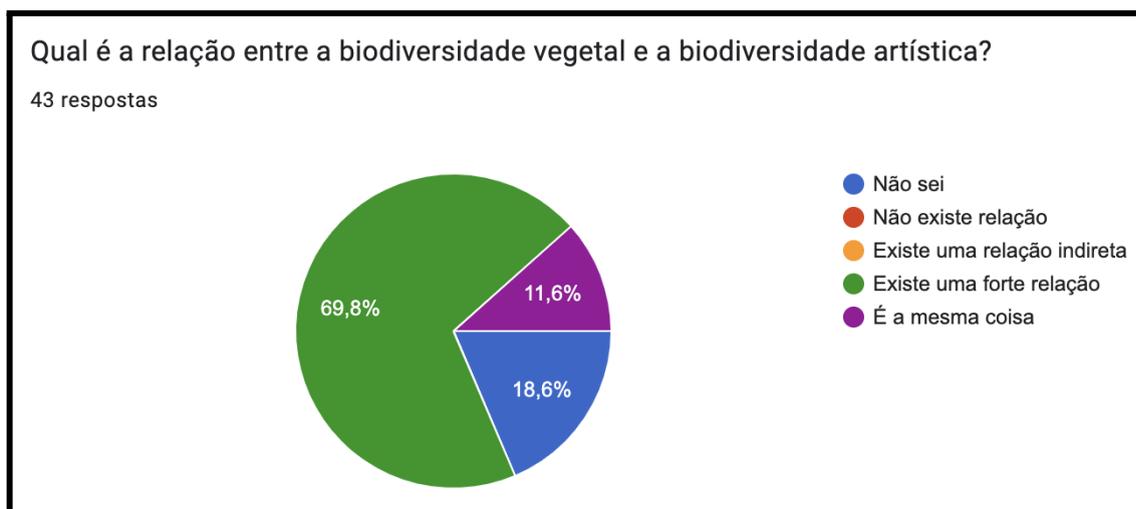
Gráfico 6. Respostas no Formulário *Acordando a Rede* à pergunta: Você sabe se estão em extinção?.



Fonte: Elaborado pelo Formulário *Google*.

Apesar dos resultados demonstrarem pouco conhecimento das pessoas sobre a origem dos materiais vegetais que compõem seus instrumentos, 69,8% consideram haver uma forte relação entre a biodiversidade vegetal e a biodiversidade artística, e 11,6% consideram ser "a mesma coisa", o que demonstra que a grande maioria das pessoas desta rede entendem a importância fundamental desta relação biodiversa. Apesar disto, 18,5% das pessoas informou não saber, demonstrando que ainda é uma área a ser aprofundada e difundida.

Gráfico 7. Respostas à pergunta: Práticas ~ ecomusicais, alguma dessas áreas desperta teu interesse? Opções: História dos instrumentos - o som nasce na semente; Agroflorestas Musicais - plantando instrumentos e regenerando o solo; Coleta, manejo e construção de instrumentos da mata; Biodiversidade musical na educação infantil; Silêncio é música; Reconhecimento da paisagem sonora - Exercícios de escuta; Outros - quer deixar uma sugestão abaixo?.



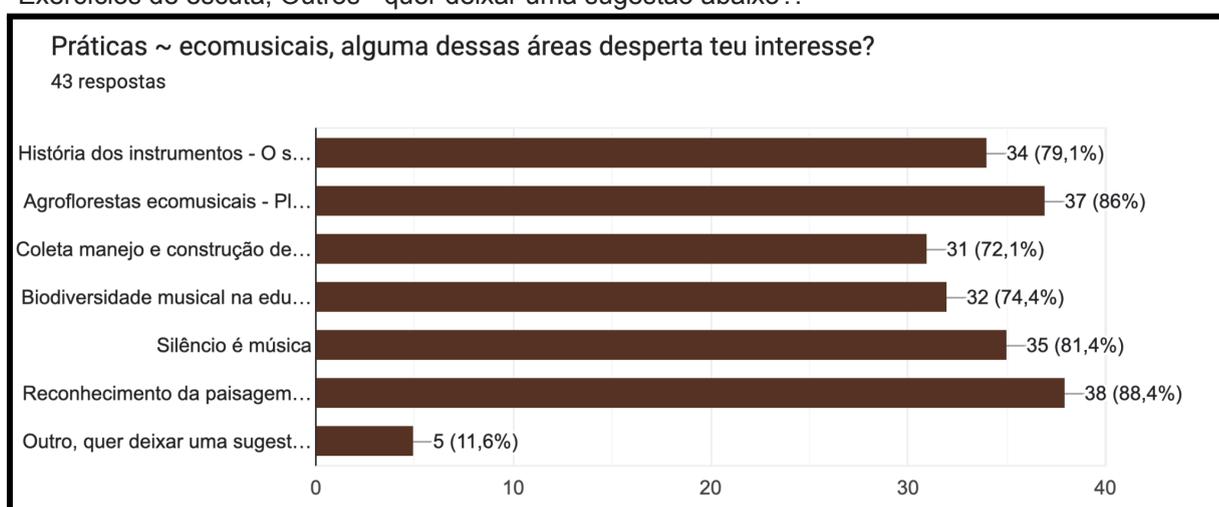
Fonte: Elaborado pelo Formulário Google.

Outras perguntas sensíveis e abertas foram trazidas, como: *Agora, qual o som que tu escuta em tua volta?; Um som que esteja marcado em tua memória?; Com o passar dos anos, que som tu já não escuta em tua volta?; Qual som tu preservaria?*. Estas perguntas tiveram objetivo de trazer as pessoas ao momento presente e ao sensível, buscando o trabalho na percepção sutil sobre o tema. A natureza e a ancestralidade cotidiana permeou as respostas em sua grande maioria, trazendo a matriz de um conhecimento profundo, ecológico e artístico. Somos natureza. A natureza é arte. Assim como reflete Schafer (2012):

"Há muitas "espécies em extinção" na paisagem sonora atual. Elas precisam ser protegidas, do mesmo modo que a natureza. De fato, muitos dos sons em extinção são sons da natureza, dos quais as pessoas cada vez mais se alienam." SCHAFFER (2012)

Ao final do questionário, solicitamos que as pessoas marcassem os temas de interesse para futuras oficinas, e encontrou-se as respostas abaixo citadas.

Gráfico 8. Respostas à pergunta: Práticas ~ ecomusicais, alguma dessas áreas desperta teu interesse? Opções: História dos instrumentos - o som nasce na semente; Agroflorestas Musicais - plantando instrumentos e regenerando o solo; Coleta, manejo e construção de instrumentos da mata; Biodiversidade musical na educação infantil; Silêncio é música; Reconhecimento da paisagem sonora - Exercícios de escuta; Outros - quer deixar uma sugestão abaixo?.



Fonte: Elaborado pelo Formulário *Google*.

Ao encontro de uma rede, encontrou-se elos. Elos de uma correnteza ecomusical. Após o formulário, foram realizadas vivências agroflorestais de plantio de instrumentos com o toque e canto dos instrumentos ressoando ao som das folhas ao vento e do canto dos pássaros em áreas rurais, além de práticas de floresta urbana. Muitos caminhos ainda serão trilhados, em coletividade, esta é uma semente germinada.

Considerações Finais

A pandemia da Covid-19 trouxe inquietações, incômodos e dores. Das profundezas, surgiu um coletivo ao encontro da paz da floresta, da beleza da arte, da Ecologia Profunda, da interdisciplinaridade que somos, que é a complexidade da natureza.

Criamos um coletivo, encontramos guias da cultura popular, ativamos uma rede, plantamos sementes e mudas, cultivamos afetos e saberes populares, buscando a decolonização da monocultura do pensamento, para a biodiversidade do ser natureza.

Seguimos em rede, buscando recursos para atuar em um tema desconsiderado pela maior parte das pessoas, como se não fosse prioritária a cultura que nos sustenta diariamente. Encontramos apoio nos demais seres vivos, que nos chamam para ser apenas mais um elo querido desta teia da vida, não mais nem menos importante que as outras espécies.

Aprendemos que somos floresta, biodiversa. Que a diversidade da expressão artística de nosso país é riqueza, assim como o Brasil é guardião da maior biodiversidade do planeta. Pedimos licença aos povos originários e pretendemos ajudar a levar essas sementes ancestrais aos ventos. Bons ventos que tragam ações de reflorestamento para recompor nossas matas que ainda pulsam abundância, mesmo com menos de 90% de sua cobertura original, como é o caso da Mata Atlântica - floresta matriz de nossa região de origem.

Regenerar é urgente. Desde dentro de cada pessoa, onde a arte pode ser caminho de sensibilização para libertarmos a terra da ganância humana. Reflorestar é urgente. Desde os corações e mentes até as nascentes, os caminhos das águas e as terras de perto e de longe.

Fica o convite: plantar instrumentos e cultivar sons - tocar floresta.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Mariana. Resistência, Resiliência, Inovação e Sucessão Social: A construção participativa do Projeto de Extensão do Sistema Agroflorestal do Centro de Biociências da UFPE - Campus Recife. 2018.

ALIMONDA, Hector. La colonialidad de la naturaleza: una aproximación a la Ecología Política Latinoamericana. In: ALIMONDA, Hector (org.). La naturaleza colonizada: ecología política y minería en la América Latina. 1 ed. Buenos Aires: Clasco, 2011.

BRASIL. Código Florestal. Brasília, Lei No 12.651, de 25 de maio de 2012.

CAPRA, Fritjof. A Teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Editora Cultrix, São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 43a edição, 2011.

GODÓI, Vagner; BARRETO, Jorge, M. Jorge Menna Barreto sobre restauro agroecológico, amizade e pesquisa artística. Porto Arte: Revista de Artes Visuais. v. 25, n. 44, Jul/dez, 2020.

INTERNET. Ailton Krenak: A terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>, acesso em 17/10/2021.

LIMA, R. C.. Kosi Lómi Kosi Ewe Kosi Orisá (Sem água, sem folha, sem Orixá) - O Sagrado e o Meio Ambiente nas Religiões Afro-indígenas Brasileiras. Olinda: Livro Rápido Editora, 2020.

MIGNOLO, Walter. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32. n. 94, 2017.

MOURA, A.. Princípios e fundamentos da Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável - PEADS: Uma proposta que revoluciona o papel da Escola diante das pessoas, da sociedade e do mundo. Glória do Goitá, PE: Serviço de Tecnologia Alternativa - SERTA, 2003.

QUIJANO, Aníbal. Modernidad, identidad y utopía en América Latina. Lima: Ediciones Sociedad y Política, 1988.

SCHAFER, R. Murray. A afinação do mundo - Uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. 2ª edição - Fundação Editora Unesp. 2012.

WEZEL, A., BELLON, S., DORÉ, T., Francis, C., Vallod, D. et al.. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. Agronomy for Sustainable Development, Springer Verlag/EDP Sciences/INRA, 29 (4), p.503-515, 2009.

Agradecimentos

Agradecemos aos nossos e às nossas guias da cultura popular, que se propuseram a adentrar essa trilha conosco desde os primeiros passos: Gutenberg Franklin Santos da Silva (Guga Santos), Helder Vasconcelos, Laura Tamiana, Aishá Lourenço, Francis Lacerda, Caio Menezes, Sérgio Gwiri, Antônio Gomides, Namastê Messerschmidt, Jorge Menna Barreto. Que as sementes se tornem árvores frondosas, raízes ancestrais, tronco firme, copa exuberante, folhas, flores, frutos, novas sementes, abundantes e férteis.

Nosso agradecimento também se expande para todas as pessoas que participaram do questionário: Larissa Medeiros, Leonardo Lapenda, Wagbino, Were Lima, Natália Messina, Drica Ayub, Autran Felipe, Eduardo Buarque, Arthur Lins, Raama, Rousig, Priscilla F., Laís Senna, Cláudio Rabeca, Jonas Carva, Hadassa Gonzaga, Hudson Anauá, Hvs, Tiago Lima, Alefe Albuquerque, George Perc., Diego Barros, Caio Lima, Filipe de Lima, Priscila Lins, Igor T. Borg., Rafael Quitanda Agroecológica, Monique Xavier Simas, Marcia Maria, Mariana Sobral, Layse Brito, Glaucia Costa Conti, Cida Fomseca, Rafa Domi, Fernanda Samico, Alecaloyo.